

XV COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL

Hibridismo

*Formas, Discursos e
Figuras do Múltiplo
nas Literaturas Ibéricas
da Idade Média*

15–17.07 2026

UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Auditório Mestre Helder Castanheira



BOSCH, Hieronymus (1480-1500) Garden of Earthly Delights.
Museo del Prado, Madrid.

LIVRO DE RESUMOS

ORGANIZAÇÃO:

Subgrupos: Entregéneros: Literatura e
Hibridismo e Humanismo, Diáspora e Ciência

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da
Universidade de Aveiro



VISTA ALEGRE
1824



ilhavo
Literatura Medieval



ASOCIACIÓN HISPÁNICA
DE LITERATURA MEDIEVAL

fct

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Este congresso internacional é financiado por
fundos nacionais, através da Fundação para
a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito do
projeto UID/4180/2025 com o Identificador
DOI <https://doi.org/10.54499/UID/04180/2025>.

Hibridismo

Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo
nas Literaturas Ibéricas da Idade Média

XV Colóquio da Secção Portuguesa da AHLM

Universidade de Aveiro

15–17 de julho de 2026

HIBRIDISMO

Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo nas Literaturas Ibéricas da Idade Média

Importada das ciências biológicas, a noção de hibridismo ocupa um lugar central nas reflexões contemporâneas sobre as artes, as literaturas e as epistemologias culturais. Declinado como cruzamento, fusão ou contaminação de formas, registos ou vozes, o conceito conheceu um desenvolvimento notável no âmbito dos Estudos Culturais e da teorização pós-colonial. Contudo, as suas raízes e manifestações atravessam já o universo cultural, textual e simbólico da Idade Média. Bastará evocar as inúmeras referências a monstros antropomórficos e povos exóticos com traços animais presentes na literatura, os corpos mistos figurados nas margens dos manuscritos ou as criaturas do bestiário que povoam tímpanos e iluminuras, para confirmar que o híbrido se institui, na época medieval, como forma, semiologia, dispositivo hermenêutico e categoria ontológica.

Também na tradição literária ibérica medieval, o híbrido é objeto de expressão multimodal, como bem atestam a presença de figuras monstruosas que instabilizam as fronteiras entre o humano e o divino, o natural e o sobrenatural; o entrelaçamento de línguas, registos e géneros; o diálogo entre tradição oral e cultura escrita ou a convivência de imaginários cristãos, judaicos e islâmicos. A mescla estética, moral e teológica é, não raras vezes, o princípio generativo do próprio texto literário, regulado por uma poética da multiplicidade e da metamorfose. O texto medieval ibérico é, assim, lugar de mestiçagem discursiva e de pluralidade de registos e nele, com frequência, a lei do híbrido exprime-se na tensão entre unidade e diferença, ordem e desordem, pureza e contaminação.

Eixos temáticos

- *Genera mixta*: formas e expressões do hibridismo genológico — no poema, na crónica, no *exemplum*, no tratado moral...
- Figuras do híbrido e do monstruoso: bestiários, maravilhas e alegorias morais.
- Cartografias do Outro: “raças monstruosas”, viagens e geografia do imaginário.
- Figuras de mediação: fronteiras entre o humano, o animal e o divino.
- Hibridismo e política: imagens do poder e da soberania na tradição literária e iconográfica medieval.
- Livro, imagem, paratexto: margens, iluminuras e *mise-en-page* como espaços híbridos.
- Multimodalidade medieval: música, gesto, palavra e imagem.
- Teologias do híbrido: pecado, milagre, metamorfose.
- Entre a oralidade e a escrita: circulação e transformação de motivos e formas.
- Interculturalidade peninsular: contacto e conflito entre as culturas cristã, judaica e islâmica.
- Receções e reescritas modernas e contemporâneas do imaginário híbrido medieval.

Hibridismo

*Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo
nas Literaturas Ibéricas da Idade Média*

COMISSÕES

Comissão Organizadora

António Andrade — Univ. Aveiro-CLLC

Filipe Senos Ferreira — Univ. Aveiro-CLLC

Márcia Neves — FCSH/NOVA, IELT, e Univ. Aveiro-CLLC

Paulo Alexandre Pereira — Univ. Aveiro-CLLC

Comissão Científica

Marta Haro Cortés — Presidente da AHLM, Univ. Valência

Aires Augusto Nascimento — Presidente da SP da AHLM, Univ. Lisboa

Ana Margarida Ramos — Univ. Aveiro

Ana María Huélamo San José — Univ. Complutense de Madrid

António Manuel Lopes Andrade — Univ. Aveiro

Axayácatl Campos García-Rojas — Univ. Nacional Autónoma de México

Eloísa Palafox — Washington University in St. Louis

Gladys Lizabe — Univ. Nacional de Cuyo

Isabel Maria Barros Dias — Univ. Aberta | IELT-FCSH/NOVA

José Aragüés Aldaz — Univ. de Zaragoza

José Ramón Trujillo Martínez — Univ. Autónoma de Madrid

Josep Lluís Martos — Univ. Alacant

Maria Manuel Baptista — Univ. Aveiro

Virginie Dumanoir — Univ. Rennes II

Yoshinori Ogawa — Rikkyo Univ.

Este congresso internacional é financiado por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito do projeto UID/4180/2025 com o identificador DOI <https://doi.org/10.54499/UID/04180/2025>.

PROGRAMA



Hibridismo

*Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo
nas Literaturas Ibéricas da Idade Média*

Dia 15 de julho

9.00-9.15 Recepção

9.15-9.30 Sessão de Abertura

9.30-10.30 Conferência de abertura: Cristina Almeida Ribeiro — Hibridismo e originalidade no *Cancioneiro Geral*

10.30-10.45 Pausa para café

10.45-12.00 Sessão 1 — Identidades, soberania e reescritas do poder

1. Miguel Rodrigues — A mudança de identidade como ferramenta política: estudos de caso nas famílias reais ibéricas (sécs. IX-XIII)
2. Mariana Leite — Amazonas, profetisas, rainhas: performances ambíguas do feminino na *General Estoria* de Afonso X
3. Ana Cristina Ramírez Domínguez — Entre hombre, bestia y soberano: la representación híbrida del rey tirano

12.00-14.00 Almoço

14.00-15.15 Sessão 2 — Hibridismo historiográfico e construção da memória medieval

1. Diana Fontão — Da revolta anticonversa ao passado lendário: reescrever os judeus no *Arreglo toledano* da *Crónica de 1344*
2. Isabel Barros Dias — Hibridismo genológico, brevidade e fragmentação na narrativa historiográfica
3. Santiago López Martínez-Morás — El cielo sobre Castilla: elementos sobrenaturales en el *Poema de Fernán González*

15.15-16.15 Sessão 3 — Aves, vozes e géneros híbridos na lírica galego-portuguesa

1. Jakub Merdała — O sonho de Martin Moxa: unha bubela que destituíu ao rei Sabio
2. Iolanda Rodriguez Aldrei — As aves e os amores: a mediação entre a Terra e o Céu nas Cantigas de Amigo

16.15-16.30 Pausa para café

16.30-17.45 Sessão 4 — Do herói arturiano aos novos mundos: formas híbridas da ficção

1. Ana Margarida Chora — Do hibridismo como condição heroica
2. Pedro Álvarez-Cifuentes — “*Diante meus olhos apresentadas em cousas alheias*”: formas híbridas na prosa de ficção portuguesa
3. Mafalda Frade — “*Em hũa viuem os homeês sem mulheres... E em a outra som as mulheres sem homês*”: *O Livro de Marco Polo* e os novos mundos para além do mundo.

18.00 Reunião AHLM

Hibridismo

*Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo
nas Literaturas Ibéricas da Idade Média*

Dia 16 de julho

9.30-10.45 Sessão 5 — Figuras animais do híbrido: metamorfose, linhagem e matéria médica

1. Helena S. Moniz — O lobisomem alfonsino
2. Cristina Álvares — O (a)braço da serpente. Corpos misturados e vínculos envenenados no *Livro de Caradoc*
3. António Andrade e Emília Oliveira — O unicórnio como matéria médica nas fontes clássicas e medievais dos médicos portugueses de Quinhentos

10.45-11.00 Pausa para café

11.00-12.30 Sessão 6 — Entre oralidade e escrita: voz, diálogo e performatividade

1. Déborah González — Voz, diálogo e hibridismo nas cantigas de Rodrigo Eanes de Vasconcelos
2. Esther Corral Díaz — Figuras do múltiplo na lírica galego-portuguesa: hibridismo xenérico em *A por que perço o dormir* de J. Airas de Santiago
3. Teresa Araújo — Polimorfias de “Morir vos queredes padre”
4. Margarida Santos Alpalhão — Mesa, Palco, Página – um caso de hibridismo textual

12.30-14.15 Almoço

14.15-15.30 Sessão 7 — Mediação religiosa, santidade e reescritas do imaginário devocional

1. Marisa Henriques — Multi-hibridismo na representação de Maria na sermonária antoniana
2. Eduardo Rui Pereira Serafim — Percorrendo um marial alcobacense – o Diabo e o judeu entre o pecado e o milagre
3. Ana Maria Machado — Aquilino Ribeiro e as tentações de Santo António

15.30-16.45 Sessão 8 — Materialidade textual, cultura manuscrita e práticas editoriais híbridas

1. Josep Lluís Martos — El incunable poético de Ambrosio Montesino: análisis material e interno de un producto editorial híbrido
2. Julio Macián Ferrandis — Sobre el hibridismo del cancionero EM6: peritación paleográfica de un códice manuscrito con impresos
3. Maria Isabel Morán Cabanas — D. Manuel I e a sua comitiva voltam do Caminho de Santiago: textos e contextos

16.45-17.00 Pausa para café

17.00-18.00 Conferência de encerramento: Marta Haro Cortés — Grabados como evidencia editorial de impresos desconocidos y de ediciones perdidas.

20.00 Jantar do Colóquio

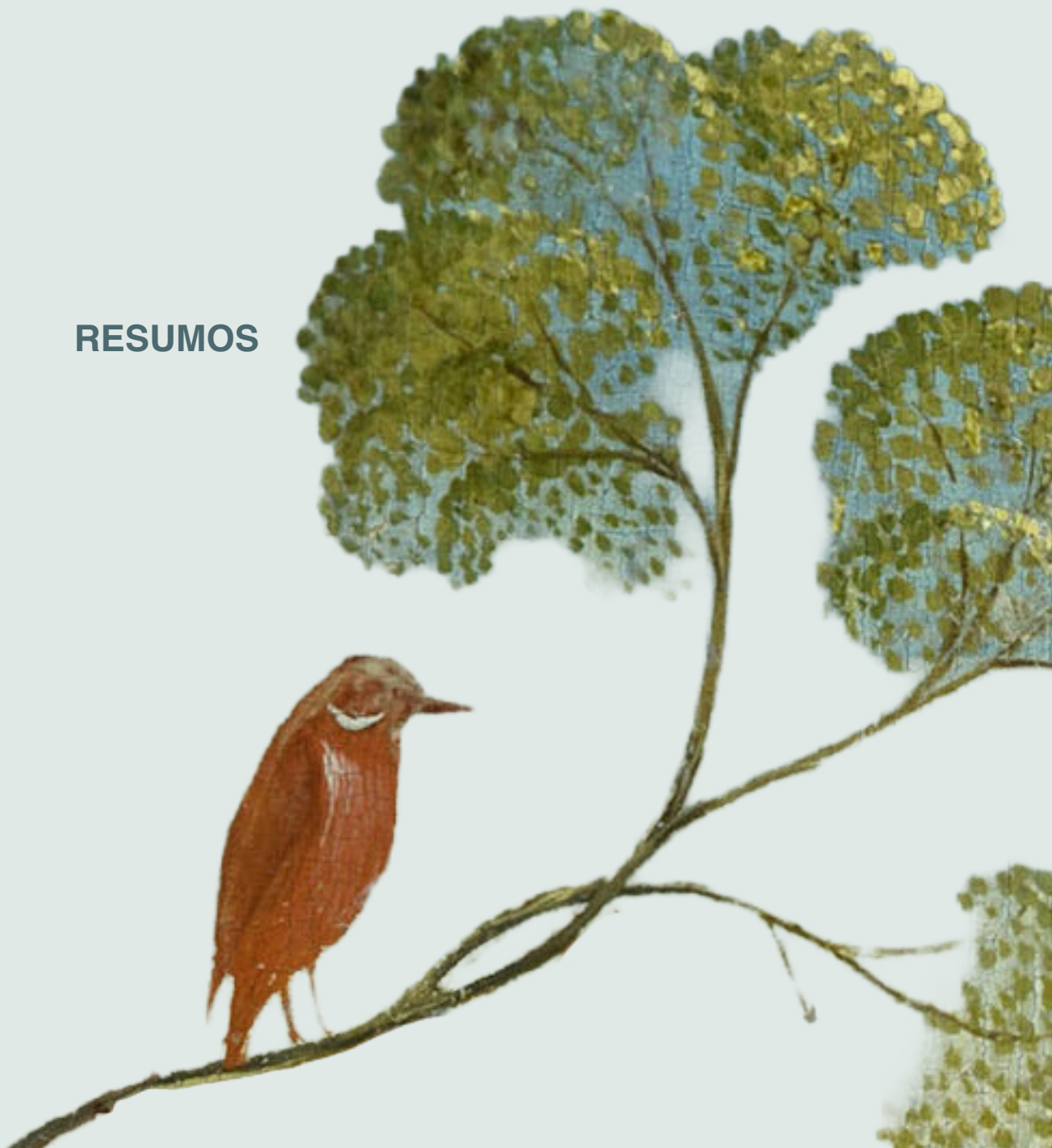
Dia 17 julho

9.30 Encontro no Departamento de Línguas e Culturas

10.00 Visita ao Navio-Museu Santo André

11.00 Visita ao Museu Vista Alegre

RESUMOS



Hibridismo

*Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo
nas Literaturas Ibéricas da Idade Média*

CONFERÊNCIAS

**Cristina Almeida Ribeiro (Professora Catedrática Emérita,
Universidade de Lisboa)**

Hibridismo e originalidade no *Cancioneiro Geral*

Num contexto tão altamente codificado como o da poesia de corte quatrocentista, alguns autores, movidos pelo desejo de inovar, encontram no hibridismo de formas e géneros poéticos uma via para afirmar a própria criatividade e surpreender o público. Surgem assim cantigas e vilancetes como remate de trovas ou como sùmula que encerra a participação num intercâmbio poético real ou ficcional; assim se reúnem em harmonioso conjunto coplas reais que são, a um tempo, glosas de motes e elos na cadeia narrativa ou reflexiva que forma umas trovas em muito semelhantes a um *decir con citas*; assim irrompem mote e glosa na pergunta-resposta, inviabilizando os consoantes e quebrando o habitual equilíbrio dessa categoria poética; assim se vão inserindo numas trovas que dão notícia de conturbados amores cantigas, trova e vilancetes que, endereçados pelo amador à amada, pontuam as sucessivas etapas do relacionamento amoroso, em registo as mais das vezes lírico e ocasionalmente satírico. Partindo da descrição de tais práticas, nos planos métrico, semântico e retórico, a reflexão que me proponho desenvolver procurará avaliar o modo como o hibridismo contribui para a originalidade das peças em apreço e, por extensão, para a originalidade do cancionero e da tão menosprezada poesia portuguesa de Quatrocentos.

**Marta Haro Cortés (Professora Catedrática, Universitat de València I
Presidente da AHLM)**

Grabados como evidencia editorial de impresos desconocidos y de ediciones perdidas

El estudio de la trayectoria y difusión de los grabados de incunables e impresos, así como su reiteración en ediciones de la misma obra o en productos y géneros editoriales relacionados y su utilización en distintos talleres de imprenta, no solo puede aportarnos información fiable sobre el primer uso de la entalladura y la serie iconográfica a la que pertenece, sino que también favorece la labor de identificación editorial de impresos sin indicaciones tipográficas. Esta línea de investigación será el objeto de estudio de mi intervención, centrando mi interés en los estrechos vínculos editoriales que vinculan la dilatada difusión en letra de molde del *Repertorio de los tiempos* de Andrés de Li y la no menos exitosa trayectoria impresa de la *Historia de la doncella Teodor*. Estableceré un panorama que abarcará ejemplos de estampas de ediciones perdidas, pero de las que tenemos noticia; entalladuras que remiten a un hipotético impreso; grabados que constatan que fueron tallados para una edición desconocida en nuestros días y, por último, atenderé a la atribución editorial, a partir de la ilustración, de ediciones *sine notis*.

COMUNICAÇÕES

RESUMOS E NOTAS BIOGRÁFICAS

Ana Cristina Ramírez Domínguez (Universidade Nacional Autónoma de México)

Entre hombre, bestia y soberano: la representación híbrida del rey tirano

La figura del rey tirano representó una de las tensiones políticas, sociales y religiosas más importantes del mundo medieval. El rey, al garantizar el orden, se ligaba con lo sagrado en tanto representante de Dios en la tierra. Cuando incumplía esta función, se presentaba un problema para diversos ordenes con respecto al papel del poder legítimo, la amenaza para el cuerpo político y la necesidad de mantener el discurso legitimador.

Si la figura real puede considerarse un híbrido, liminal entre lo humano y lo divino, entre lo individual y lo particular, el tirano cuestiona esta excepcionalidad legitimada. El tirano se presenta como un caso negativo hasta el extremo, de la figura real. La construcción del tirano como una figura o un personaje en diversas literaturas refleja una preocupación generalizada. Esta ponencia analiza la construcción del tirano como una figura híbrida entre lo humano, lo divino y lo animal. Construcción que no fue únicamente un recurso estético, sino una forma de expresar la inestabilidad conceptual que es un soberano desviado de su función. Así, los discursos políticos, religiosos y literarios recurren constantemente a procesos de animalización, demonización y deshumanización para representarlo.

Partiendo de las generalidades medievales sobre el tirano, en autores como Juan de Salisbury, o Tomás de Aquino, la propuesta se centra en la tradición castellana medieval: el aspecto teórico con énfasis en las *Siete Partidas*, donde se formula teóricamente el ideal y la corrupción del poder. El aspecto literario con el *Libro de Alexandre* y los Espejos de Príncipes; y la construcción historiográfica y literaria de Pedro I de Castilla.

nota biográfica

Cristina Ramírez cursa la Maestría en Letras Españolas en la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Su investigación se enfoca en la representación de la monstruosidad y la hibridez en la literatura de la temprana Edad Moderna, particularmente en relación con la tragedia y las figuraciones del poder. Actualmente desarrolla trabajos sobre la construcción del tirano monstruoso en el teatro de Pedro Calderón de la Barca.

Ana Margarida Chora (IELT-FCSH)

Do hibridismo como condição heróica

Os heróis dos textos medievais, designadamente os do ciclo arturiano, são dotados de uma natureza híbrida, condição necessária ao seu carácter mediador, que se manifesta nas funções de oposição, confrontação, ligação ou separação entre cavaleiros e reinos. Esses heróis são personagens compósitas que, desde o nascimento à morte, vão adquirindo elementos de outras personagens e mundos que lhes conferem as características necessárias ao percurso e ao papel que desempenham narrativamente.

Filhos de reis e fadas, com um traço híbrido de pertença a dois mundos, ou sofrendo um “segundo nascimento” noutro reino, os heróis estão, à partida, aptos a circular entre mundos vedados a outras personagens. Ao longo do seu processo de maturação, vão também integrando propriedades simbólicas de cavaleiros que eliminam, o que lhes permite assumir missões específicas numa lógica cíclica de salvação do reino. É o que acontece com os cavaleiros da linhagem do Rei Ban (como Lancelot), não se manifestando da mesma forma com os da linhagem do Rei Artur (como Gauvain).

Hibridismo

Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo nas Literaturas Ibéricas da Idade Média

À medida que os textos vão assumindo contornos mais cristianizados, nomeadamente na transição para a Post-Vulgata (é o que se passa no texto português da *Demanda do Santo Graal*), os heróis vão perdendo as suas características híbridas, renunciando progressivamente ao seu papel mediador, o que leva, inevitavelmente, à queda do reino de Logres.

Analisaremos a natureza e o percurso híbrido de heróis (como Lancelot e Boorz), em textos cíclicos em prosa, confrontando com outros de textos não cíclicos, em verso, bem como de heróis cuja composição não é complexa, de forma a observar o *modus operandi* de uns e outros na estrutura textual.

nota biográfica

Ana Margarida Chora é docente, investigadora e artista. É doutora em Literaturas Românicas/Literatura Comparada (tese *A Deusa em Camelot: o papel da mulher na concepção e evolução dos heróis arturianos*) e mestre (tese *Lancelot: do mito feérico ao herói redentor*). Investigadora do IELT-FCSH (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição - Universidade Nova de Lisboa), do CLYTIAR (Grupo de Investigación - Cultura, Literatura y Traducción Iber-Artúrica - Universidad de Valladolid) e do CEB (Centro de Estudos Bocageanos), tem como principais áreas de investigação a Matéria da Bretanha, o Orientalismo (literário e artístico), o Feminino e o Imaginário Literário. Apresentou mais de sessenta comunicações em colóquios e encontros científicos, nacionais e internacionais, tendo publicado diversos artigos, assim como ensaios académicos e livros de poesia.

Ana Maria Machado

Aquilino Ribeiro e as tentações de Santo António

O romance *Humildade gloriosa*, do intrépido republicano (1954), revisita a vida do franciscano Santo António de Lisboa – ou de Pádua, na tradição italiana – e tem como cenário uma Idade Média em que o grotesco humano avulta em todo o seu esplendor literário. Sobre este cenário de um gótico brueghelesco e anatoliano, o percurso de António distancia-se da hagiografia medieval que o cristalizou para dar lugar à encenação de discussões éticas e doutrinárias que abarcam temas como a tolerância religiosa, a guerra, o *pavor feminae*, o sacrificalismo, o milagrismo devoto, a graça, a ressurreição das almas. Nesta comunicação, privilegiarei o modo como alguns destes tópicos se cruzam na *tournure* graciosa, humana e irónica que Aquilino opera na busca de uma companheira para o Santo, a fazer *pendant*, aqui em registo sensual, com a Irmã Clara, versão feminina de S. Francisco, o fundador da Ordem Menorita.

nota biográfica

Ana Maria Machado é professora associada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Autora de *O medievalismo literário português* (2022).

António Andrade e Emília Oliveira (Universidade de Aveiro)

O unicórnio como matéria médica nas fontes clássicas e medievais dos médicos portugueses de Quinhentos

O chifre de unicórnio transforma-se no século XVI em matéria médica, passando a integrar o catálogo das substâncias simples prescritas pelos médicos por toda a Europa, sobretudo como antídoto por excelência contra venenos. Da inefabilidade do maravilhoso animal passou-se rapidamente à materialidade do corno prodigioso. Este processo em que estiveram envolvidos diversos médicos portugueses, como António Luís, Jorge Godines, Amato Lusitano e Garcia de Orta, suscitou uma enorme controvérsia entre a classe médica europeia sobre as virtudes terapêuticas atribuídas à nova matéria. A partir dos textos destes médicos sobre o unicórnio, procurar-se-á rastrear e analisar as fontes clássicas (e.g. Ctésias, Aristoteles, Plínio-o-Antigo, Eliano, Filóstrato) e medievais por eles invocadas (e.g. *Physiologus*,

Hibridismo

Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo
nas Literaturas Ibéricas da Idade Média

Paulo de Egina, Avenzoar, Alberto Magno), por forma a verificar como a antiquíssima e riquíssima tradição associada ao unicórnio contribuiu para legitimar uma teorização e prática clínica que se prolongou até ao século XVIII.

nota biográfica

António M. L. Andrade é Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro, doutorado em Literatura, na especialidade de Literatura Neolatina. A sua atividade docente e científica situa-se nas áreas dos Estudos Clássicos e Portugueses, com particular incidência na língua e literatura latinas, literatura portuguesa, história da ciência e história do livro. Como investigador do CLLC/UA, tem desenvolvido trabalho sobre Humanismo português do Renascimento, literatura neolatina, diáspora sefardita portuguesa e história da ciência. Coordena o grupo “Entre Textos – Hermenêuticas Literárias” e o subgrupo “Humanismo, Diáspora e Ciência”, sendo também editor associado da revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*. Foi investigador principal de um projeto financiado pela FCT sobre Dioscórides, Amato Lusitano e o Humanismo português, e participou em vários projetos nacionais e internacionais sobre história da medicina, cultura humanística e textos latinos da Época Moderna. A sua bibliografia inclui estudos sobre Amato Lusitano, Garcia de Orta, Rodrigo de Castro, Duarte Gomes, humanismo renascentista, cultura sefardita, história da ciência e história do livro, bem como a coordenação dos volumes *Do manuscrito ao livro impresso e eletrónico*.

Emília M. Rocha de Oliveira é licenciada em Ensino de Português, Latim e Grego pela Universidade de Aveiro (1996) e doutorada em Literatura pela mesma universidade (2006), com uma tese sobre epistolografia ciceroniana. Em 2017, concluiu o pós-doutoramento em Estudos Literários, centrado no estudo, tradução e comentário das *Epistulae ad Familiares*, de Cícero, no âmbito de uma bolsa concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Atualmente, é Professora Auxiliar Convidada no Departamento de Línguas e Culturas e investigadora do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro (CLLC-UA), onde é membro integrado e colabora no projeto “Entre Textos — Hermenêutica Literária”, no subgrupo “Humanismo, Diáspora e Ciência”. Desenvolve atividade científica nas áreas das línguas e literaturas latina e portuguesa, do Renascimento português e da história da ciência. Integrou equipas de investigação dedicadas ao estudo e tradução da obra de médicos portugueses do século XVI, como Amato Lusitano, Garcia Lopes e Rodrigo de Castro.

Cristina Álvares (Universidade do Minho)

O (a)braço da serpente. Corpos misturados e vínculos envenenados no *Livro de Caradoc*

Constituindo o terceiro ramo da Primeira Continuação de *Perceval*, o *Livro de Caradoc* pode ser considerado como uma narrativa autónoma, caracterizada por uma forte densidade imagética e cujo protagonista é tido como um caso à parte na literatura arturiana. Ainda que realizando o típico percurso que faz transitar o herói da esfera do parentesco (consanguinidade) para a da aliança (casamento) – transição que exprime o acesso à idade adulta –, penso que o que singulariza Caradoc no conjunto dos cavaleiros arturianos é a presença dos animais, mais concretamente o papel desempenhado por três fêmeas na conceção de Caradoc. A magia, o adultério, a dupla paternidade são motivos frequentes que sustentam, desde logo, a história da conceção de Artur. Mas, tanto quanto sei, mais nenhum herói é atormentado por uma cena primitiva na qual a promiscuidade interespecífica cria uma analogia entre o corpo da mãe e o das fêmeas, ao mesmo tempo que envolve, ativa e passivamente, o pai perverso. Os raros estudos dedicados à história de Caradoc incidem preferencialmente, ora no jogo do decapitado, ora no dispositivo de purificação que permite ao cavaleiro, graças ao sacrifício do corpo feminino (o seio mutilado da donzela que o ama), livrar-se da serpente que lhe suga o sangue do braço em que está enrolada. Proponho analisar a forma híbrida do corpo da personagem como corpo humano deformado

Hibridismo

Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo nas Literaturas Ibéricas da Idade Média

por continuidade com o do réptil, uma continuidade que passa também pelo sangue, numa espécie de transfusão, que remete para os vínculos de sangue com os progenitores; e colocá-la em referência à conceção, quer de Caradoc, quer dos seus meios-irmãos animais (cachorro, leitão, potro), explicando o lugar e a função do hibridismo ontológico no drama familiar do protagonista, onde a impureza da linhagem, vinculada em abjeção, se traduz numa rivalidade tóxica entre os pais e o filho.

nota biográfica

Cristina Álvares é doutorada em literatura francesa com uma tese sobre o olhar no romance cortês em verso (1180-1250) e professora catedrática de estudos franceses no Departamento de Estudos Românicos da Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho. As suas áreas de intervenção são a literatura medieval, a literatura contemporânea e a banda desenhada franco-belga. Entre as suas produções mais recentes no domínio dos estudos medievais, destaca-se a coedição, com Sérgio Guimarães de Sousa, do livro *Limiares Homem/Animal na literatura e na cultura da Idade Média*, publicado em 2023 pela Peter Lang.

Déborah González (Universidade de Santiago de Compostela)

Voz, diálogo e hibridismo nas cantigas de Rodrigo Eanes de Vasconcelos

No interior do cancionero galego-português rexístranse composicións singularizadas pola combinación de expresións características de xéneros líricos distintos, pola identificación dunha voz lírica que se reconece como incompatible co discurso lírico ou pola ocorrencia de motivos “inesperados”, propiciando como resultado textos de formulación distintiva, carácter híbrido e/ou clasificación controvertida. Entre as cantigas que se distinguen por estas problemáticas, é posible sinalar “Aquestas coitas que de sofrer ei” (B368) de Rodrigo Eanes de Vasconcelos, trobador portugués a quen os cancioneros B e V asignan de forma segura seis textos, e non descartamos a posibilidade da súa participación nunha tenzón de atribución problemática. O cantar “Aquestas coitas que de sofrer ei” pode definirse como insólito desde o punto de vista conceptual por amosar a concorrencia de expresións propias de xéneros distintos, xerando dúbidas tanto sobre a voz lírica como sobre o xénero de adscripción. Na breve obra poética conservada do autor, non é o único texto destacable desde o punto de vista discursivo e temático: “Preguntei ùa dona en como vos direi” (B368bis), que no interior do cancionero se encontra copiado a continuación do texto anteriormente referido, reproduce un diálogo entre as voces masculina e feminina desenvolvendo un asunto único e innovador na lírica galego-portuguesa. Igualmente presentan motivos temáticos peculiares varias das súas cantigas de amigo. En vista disto, con esta comunicación preténdese atender ás características que definen a obra conservada do autor, en particular centrándonos nas cantigas marcadas polo hibridismo, a alternancia de voces e a incorporación de motivos insólitos ou pouco frecuentes na poética galego-portuguesa.

nota biográfica

Déborah González é profesora contratada doutora no Departamento de Filoloxía Galega da Universidade de Santiago de Compostela. As súas liñas de investigación preferentes son a literatura medieval galego-portuguesa, as conexións literarias e socioculturais entre axentes e a edición crítica de textos galego-portugueses. Como ilustrativas da súa actividade, mencionáranse as edicións críticas anotadas *O Cancioneiro de Fernan Fernandez Cogominho* (2012) e *El arte de trovar de amor. Nuno Eanes Cerzeo y su producción poética* (2018). Ten liderado iniciativas que resultaron na publicación de obras colectivas baixo o seu coidado, de maneira destacada: *Trobadores, cancións e memoria. As redes da lírica galego-portuguesa* (2026), *Verdades duplas* (2022), *Lírica galego-portuguesa. Lingua, sociolingüística e pragmática* (2020). Dirixe o portal dixital *Redes socioculturais da lírica galego-portuguesa* e tamén, desde 2021, a base de datos BiRMED, especializada na literatura medieval galego-portuguesa.

Diana Fontão (Universidad de Salamanca)

Da revolta anticonversa ao passado lendário: reescrever os judeus no *Arreglo toledano* da *Crónica de 1344*

Nesta comunicação irei analisar o *Arreglo toledano* da *Crónica de 1344* à luz do seu contexto de redação, a revolta anticonversa de 1449 em Toledo, e como esse momento influenciou o seu autor, provavelmente de origem conversa, na composição de um passado judaico lendário e mitificado. O *Arreglo toledano* é uma obra historiográfica do século XV que reescreve a *Crónica de 1344* com objetivos próprios, baseando-se na versão portuguesa da refundição de c. 1400. Entre as suas características mais relevantes, encontram-se a ampliação dos materiais lendários e a adição da história dos judeus. Por este motivo, o *Arreglo toledano* contém uma longa secção inicial, na qual são compiladas várias lendas relacionadas com os judeus em Toledo.

Partindo deste enquadramento, a comunicação terá duas partes: na primeira, serão comentadas as acusações feitas aos conversos nos textos publicados no século XV, assim como as consequências que essas acusações tiveram em termos práticos na vida dos conversos; na segunda parte, será apresentada a resposta que o *Arreglo toledano* dá a essas acusações. Nesse sentido, será descrita a construção da lenda de Nabucodonosor, começando pela sua origem bíblica no *Livro de Obadias* e a interpretação que dela foi feita pela comunidade judaica na Península Ibérica. Seguidamente, será analisada a versão da lenda no *Arreglo toledano*, obra na qual ela é inserida através da ampliação, em relação à *Crónica de 1344*, do reinado de Pirro, combinando-se essa ampliação com um resumo do *Livro de Judite*.

Em conclusão, será demonstrado como a redação da obra advém de um contexto de interculturalidade, neste caso em conflito. Simultaneamente, contudo, a própria redação da obra sugere uma resolução para a oposição, ao propor que a convivência intercultural em território ibérico era tão antiga como a sua povoação.

nota biográfica

Diana Fontão é mestre em Estudos Medievais pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo defendido a tese *Uma Memória Anónima: a Crónica Breve do Arquivo Nacional*. Atualmente é bolsista FCT com o projeto de doutoramento *Arreglo toledano da Crónica de 1344: estudo e edição*, que desenvolve no Instituto de Estudos Medievais e Renascentistas da Universidade de Salamanca, orientado pelos professores Francisco Bautista, Maria do Rosário Ferreira e Filipe Alves Moreira.

Eduardo Rui Pereira Serafim (Investigador independente)

Percorrendo um marial alcobacense – o Diabo e o judeu entre o pecado e o milagre

O códice Alcobacense 149 é constituído por uma série de textos de índole religiosa, contemplando variados géneros. Nele se integra uma coleção de narrativas de milagres, o *Liber de Miraculis Beate Marie Virginis*, cuja elaboração terá sido contemporânea de idênticas coletâneas que circulavam pela Europa num período que decorre entre os séculos XII e XIII.

Este ‘mariale’ apresenta uma compilação de 49 milagres em latim, nos quais se incluem alguns, em número de catorze, cuja dinâmica narrativa resulta de intervenções significativas de certas personagens, concretamente, do Diabo e do judeu. Tais intervenções, ao suscitarem a hostilidade, a perturbação, a fraqueza espiritual, trazem à colação a lei do híbrido, na medida em que esta, de acordo com o texto que nos convoca, “se exprime na tensão entre unidade e diferença, ordem e desordem, pureza e contaminação”.

Assim, a partir de três grupos de narrativas, organizados com base na acção do Diabo, numas, do judeu, noutras, de ambos, noutras ainda, pretende esta comunicação caracterizar situações de incompatibilidade que irão desencadear processos de reposição de equilíbrios, que resultam necessariamente da intercessão da Virgem Maria. Neste contexto, o elemento híbrido fica definido numa sequência em que tanto o pecado do

Hibridismo

Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo nas Literaturas Ibéricas da Idade Média

cristão em conluio satânico, como o conflito com a cultura judaica culminam na transformação operada pelo milagre, ou seja, pela mediação divina consubstanciada na figura de Maria. Caminhando do pecado para o milagre, o elemento humano abre-se ao elemento divino, mas, essencialmente, é este que, abrindo-se ao humano, converte a conflitualidade em serena convivência.

nota biográfica

Eduardo Rui Pereira Serafim é licenciado em Estudos Clássicos e Portugueses pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde também completou uma pós-graduação em Crítica Textual. No plano profissional, dedicou-se ao ensino, tendo sido professor de Português e Latim em Alcobça e São Martinho do Porto. Exerceu igualmente as funções de leitor de Português na Universidade de Rennes 2, em França (1989-1991). Foi ainda coautor dos manuais escolares de Português *Entrelinhas 7* e *Entrelinhas 8*. No presente, encontra-se aposentado, consagrando algum tempo à investigação em literatura medieval. Neste âmbito, apresentou, em 2019, ao II Congresso Internacional dos Mosteiros Cistercienses a comunicação “O marial do códice Alc. 149: materialidade e espiritualidade”. Colaborou na imprensa regional, com especial participação no periódico *A Voz de Alcobça*. Atualmente, assina uma rubrica mensal sobre a língua portuguesa no jornal *Região de Cister*.

Esther Corral Díaz (Universidade de Santiago de Compostela)

Figuras do múltiplo na lírica galego-portuguesa: hibridismo xenérico en “A por que perço o dormir” de J. Airas de Santiago

A comunicación propón unha análise da cantiga “A por que perço o dormir” de J. Airas de Santiago desde a perspectiva da hibridez discursiva e xenérica. Tradicionalmente vinculada ao rexistro da cantiga de amor, a composición presenta unha serie de elementos que se sitúan alén dos límites convencionais do xénero e que serán obxecto de estudo.

A cantiga artículase inicialmente arredor de motivos propios da cantiga de amor (a coita, a perda do sono, a contemplación da dama e a separación), pero incorpora progresivamente unha dimensión corporal, visual e material pouco habitual, así como unha violencia de posesión por parte do trobador inusitada e particularmente explícita.

A partir desta lectura, reflexionárase sobre a permeabilidade das categorías xenéricas na lírica galego-portuguesa e sobre a existencia de textos fronteirizos que cuestionan a rixidez das clasificacións tradicionais. A cantiga de J. Airas de Santiago constitúe, neste sentido, un exemplo significativo das “figuras do múltiplo” presentes na lírica galego-portuguesa.

nota biográfica

Esther Corral Díaz é catedrática de Filoloxía Románica na Universidade de Santiago de Compostela, onde exerce a súa docencia. As súas liñas de investigación céntranse na literatura románica medieval desde un punto de vista transversal —narrativa extensa, narrativa breve, lírica—, na lírica galego-portuguesa e nos Estudos de Xénero na Idade Media. Entre as súas publicacións dos últimos cinco anos destacan a coordinación do volume XIII de *Ad Limina. Revista de investigación del Camino de Santiago y las peregrinaciones* (2022), a co-coordinación do volume 14 da *Revista de Cancioneros Impresos y Manuscritos* (2023) e a edición da antoloxía *Mulleres medievais. Textos e imaxes na lírica galego-portuguesa* (Universidade de Santiago de Compostela, 2023), xunto con Yara Frateschi Vieira.

Helena S. Moniz (IEM - FCSH-NOVA e Universidade Aberta)

O lobisomem alfonsino

Diferente dos restantes híbridos, o lobisomem não assume comumente uma aparência de *Mischwesen*, na medida em que a sua forma alterna totalmente entre a forma humana e a de lobo. No entanto, existem várias exceções, produto de uma evolução cultural de cruzamento de culturas. Essa evolução prende-se, também, com a assimilação progressiva do conceito nórdico de *berserker*: um exército sanguinário de homens vestidos de peles de lobo (ou urso). Terá sido possivelmente este o traço aproveitado pelo toledano, que serve de fonte ao relato alfonsino, talvez por contaminação com os povos do norte da Europa em contacto com as regiões da Galiza, Astúrias e norte de Portugal. A este retrato do lobisomem, podemos juntar a reflexão de Platão, na *República*, VIII: 565d-566a, em que utiliza o mito de Licáon como metáfora para o tirano que perdera toda a sua humanidade, convertendo-se num lobisomem devorador de homens. Em relação à cultura ibérica e, sobretudo, no *scriptorium* de Alfonso, O Sábio, houve um lobisomem que ganhou um destaque notável, na sua oposição a Hércules, coprotagonizando dois episódios da *General Estoria* e da *Estoria de España*. Mais tarde, veio a ser integrado também na *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Este estudo visa, portanto, enquadrar esta narrativa alfonsina nas perspectivas dos estudos limítrofes entre o lado humano e o lado animal, tendo em conta as metodologias dos estudos do imaginário adaptadas à literatura medieval.

nota biográfica

Helena Moniz é doutoranda em Estudos Medievais na Universidade Aberta e dedica-se a uma tese sobre o limiar entre a humanidade e animalidade nos seres híbridos antropomórficos que estão presentes na *General Estoria* de Alfonso X, segundo abordagens da antropologia histórica cruzada com os *critical animal studies*. Investigadora integrada no IEM/NOVA FCSH, tem explorado os temas dos limiares antropológicos na *General Estoria*, através de duas comunicações: uma sobre as estátuas dos ídolos, no congresso SP-AHLM e uma segunda sobre as fontes e as origens destes temas, num Congresso Internacional na Universidade de Turim.

No passado, direccionada para a literatura, desenvolveu o Mestrado de Ensino, na FCSH, abraçando o ponto de vista da subjetividade do leitor no processo interpretativo, adequado ao ensino do Português no Ensino Básico e Secundário. Anteriormente, ingressara na formação em Estudos Clássicos na FLUL.

Iolanda Rodriguez Aldrei (Universidade Aberta/Universidade Nova de Lisboa)

As aves e os amores: a mediação entre a Terra e o Céu nas Cantigas de Amigo

Quatro Cantigas de Amigo incorporam referências às aves, quer com o uso do holónimo “aves” (Fernando Esquio, B 1298, V 902, e Nuno Fernandes Torneol, B 644, V 245) e do seu hipónimo “passarinhas” (João Soares Coelho, B 682, V 284), quer com o do merónimo “avuitor” (Estevão Coelho, B 720, V 321 (C 720)).

Duas destas cantigas parecem partir de provérbios populares, e, portanto, do imaginário construído e aceite com o consenso da sociedade em que os poemas foram compostos, embora de jeito diferente: a integração do ditado na cantiga de Soares Coelho parece referir as “passarinhas” com um valor demarcado pela mesma lexificação, no contexto do risco que a namorada está disposta a assumir, enquanto a cantiga de Estevão Coelho integra o “avuitor”, com uma função mágica, a capacidade de transmissão de poderes extraordinários através de uma comunhão pela ingestão do poder do abutre. Pela sua parte, a cantiga de Fernando Esquio e a de Fernandes Torneol apresentam um valor da palavra “aves” menos concreto, mais simbólico, relacionado com a sua capacidade canora, a função erótica do seu canto, a violência seletiva do amigo sobre elas e a sua apresentação no trânsito entre o tempo do sono e a manhã.

As cantigas de Torneol e a de Esquio possuem, pois, um simbolismo comum, que relaciona as aves com um tempo liminar e um espaço no qual o amigo (próximo também ao elemento água na cantiga de Esquio) domina, desde o espaço térreo, o céu, uma linha vertical que também comunica o mundo tangível com o espiritual e que parece mais profundo que o delimitado pelos provérbios populares.

Hibridismo

Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo nas Literaturas Ibéricas da Idade Média

Três destas cantigas apresentam as aves ligadas a uma função sagrada dos elementos da natureza, integrada no sistema simbólico das Cantigas de Amigo que pretende ser analisado nesta comunicação.

nota biográfica

Iolanda R. Aldrei é doutoranda do Doutoramento de Estudos Medievais da Universidade Aberta/ Universidade Nova de Lisboa, com o projeto de tese sobre a *A dimensão sagrada da natureza nas Cantigas de Amigo galego-portuguesas medievais*. Licenciada em Filologia Hispânica pela Universidade de Santiago de Compostela e em Filologia Galego-Portuguesa pela Universidade da Corunha, com Mestrado em Educação pela Universidade de Santiago de Compostela, na qual foi também investigadora do seu Instituto de Ciências da Educação. É escritora, catedrática de ensino secundário no “Instituto de Educação Secundária As Fontinhas” de Santiago de Compostela e académica de número da Academia Galega da Língua Portuguesa, e membro da Associação Hispânica de Literatura Medieval. Tem publicado artigos sobre literatura medieval e contemporânea, didática, sociolinguística e também uma antologia sobre Literatura galega, em três volumes, intitulada *Letras para lembrar*.

Isabel Barros Dias (Universidade Aberta e IELT-Polo UAb | IEM - FCSH-NOVA)

Hibridismo genológico, brevidade e fragmentação na narrativa historiográfica

Pode parecer paradoxal falar de brevidade quando nos referimos a relatos historiográficos longos, como as crónicas ibéricas de matriz afonsina dos séc. XIII e XIV. No entanto, apesar de o seu estilo se diferenciar da concisão de outras formas historiográficas, como os Anais, as dimensões das amplas crónicas só são alcançáveis mediante a soma de uma multiplicidade de narrativas breves, à semelhança do que se verifica com outros relatos tendencialmente enciclopédicos. Assim, podemos interrogar estes textos acerca da sua brevidade, articulando-a com a importância da sua porosidade relativamente a outras formas textuais caracterizadas como breves (caso do *exemplum*, da hagiografia, da façanha, da anedota...). Esta propensão para o hibridismo genológico reflete-se, tanto nas suas fontes como na fortuna posterior, que inclui momentos de fragmentação, como quando excertos são destacados e registados autonomamente.

nota biográfica

Isabel Barros Dias é docente na Universidade Aberta, no Departamento de Humanidades. É coordenadora (na UAb) do Doutoramento em Estudos Medievais (parceria UAb/NOVA-FCSH), investigadora integrada no IELT (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, da NOVA-FCSH) e coordenadora do respetivo polo na UAb. Colabora ainda com o IEM (Instituto de Estudos Medievais, da NOVA-FCSH) e com o LE@D (Laboratório de Educação a Distância e e-Learning, da UAb). Coordena o projeto Acessibilidades (apoio à inclusão de estudantes da UAb). É doutorada em Estudos Portugueses, na especialidade de Literatura Portuguesa e tem desenvolvido investigação sobre literatura ibérica do período medieval e do séc. XVI, bem como sobre literatura oral e tradicional (historiografia, épica, romanceiro, literatura de viagens, bestiários, diálogos, contos e lendas). Tem privilegiado as perspetivas dos Estudos Comparados e dos Estudos sobre o Imaginário.

Jakub Merdała (Universidade de Santiago de Compostela/Uniwersytet Jagielloński w Krakowie)

O sonho de Martin Moxa: unha bubela que destituíu ao rei Sabio

O famoso sonho de Martin Moxa, na composición “En muito andando cheguei a logar” [RM 94,9], ten sido obxecto de varios estudos, non obstante, o enigma da imaxe da bubela que consegue dominar á cerceta fica sen unha resposta satisfactoria. Os especialistas que analizaron esta cantiga non se puxeron de acordo respecto á natureza da alusión aos paxaros. Faría referencia a unha situación histórico-política concreta

Hibridismo

Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo
nas Literaturas Ibéricas da Idade Média

(hipótese de Luciana Stegagno Picchio)? Ou sería, simplemente, unha representación alegórica do “mundo a avesas” sen ningún referente específico (hipótese de Carlos Paulo Martínez Pereiro)? Porén, no debate raramente se fai mención a unha posible interpretación atendendo aos bestiarios, que constitúen a fonte principal da simboloxía dos animais na Idade Media. Os trobadores das escolas ultrapirenaicas, cuxa obra Martin Moxa probablemente coñecería, utilizaban frecuentemente imaxes extraídas dos bestiarios para crear alegorías amorosas ou morais (recórdese, por exemplo, as cansos de Rigaut de Berbezilh). O propósito desta comunicación é presentar unha nova interpretación do soño de Martin Moxa con base nos valores simbólicos que lles outorgan os bestiarios á bubela e á cerceta. Ao tempo, proporase unha hipótese sobre a posible relación da imaxe metafórica do texto cun contexto político específico, en concreto, co conflito sucesorio entre Alfonso X e o seu fillo, Sancho IV no último cuarto do século XIV.

nota biográfica

Jakub Merdała é investigador predoutoral e desenvolve a súa tese de doutoramento no marco dunha cotutela internacional entre a Universidade de Santiago de Compostela e a Universidade Iaguelónica en Cracovia (Uniwersytet Jagielloński w Krakowie). Na súa tese, examina o *corpus* das findas galego-portuguesas desde a perspectiva formal e en comparación con outras dúas grandes tradicións da lírica trobadoresca, a occitana e a francesa. É autor de artigos sobre a poesía galego-portuguesa en revistas polacas (*Studia Iberica* e *Terminus*) e españolas (de próxima aparición en *Revista de Literatura Medieval* e *Revista de Cancioneros Impresos y Manuscritos*). Entre as publicacións máis recentes destaca a tradución crítica ao polaco da *Arte de trobar* galego-portuguesa cun extenso comentario sobre a poética da lírica trobadoresca na área peninsular («*Arte de Trovar, czyli jedyna galicyjska średniowieczna poetyka. Analiza i przekład*», *Terminus*, 27, 2025, pp. 75-114. «*Sztuka komponowania pieśni*», *Terminus*, 27, 2025, pp. 115-128.).

Josep Lluís Martos (Universitat d'Alacant)

El incunable poético de Ambrosio Montesino: análisis material e interno de un producto editorial híbrido

La imprenta toledana produce un temprano incunable poético de Ambrosio Montesino, cuya factura material y su estructura externa dejan evidencia de su carácter arcaico, pero, sobre todo, de un cierto hibridismo en cuanto a su relación con rasgos propios de la transmisión manuscrita. No es extraño este aspecto en cuanto a la imitación tipográfica de ciertos modelos paleográficos en redonda, pero no es habitual que se haya atendido a la propia composición del impreso, en términos de formas y, sobre todo, de espacios en blanco, que superan lo que se concebiría como un birlí. Esto depende directamente no solo de su(s) original(e)s de imprenta, seguidos con cierta fidelidad, sino que también afectaría a la propia estructura interna del cancionero impreso e, incluso, a su concepción como tal.

nota biográfica

Josep Lluís Martos forma parte del Departamento de Filología Catalana de la Universidad de Alicante, como catedrático de universidad. Es un investigador en literatura catalana medieval, especializado en literatura del siglo XV y su transmisión textual durante el siglo XVI. Ha dirigido diversos proyectos de investigación, con carácter interuniversitario, sobre poesía medieval y renacentista en testimonios manuscritos e impresos. Tiene más de ciento cincuenta publicaciones, entre las que destacan aquellas dedicadas a la poesía de cancionero y su transmisión en los siglos XV, XVI y XIX, fundamentalmente catalana, pero también castellana. Es editor de la obra de Joan Roís de Corella, de la que ha publicado las prosas mitológicas y la *Lletra consolatòria*, además de varios estudios centrados en la interpretación de estos textos y de otros de este autor. Ha publicado en las más prestigiosas revistas filológicas y ha asistido como ponente plenario e invitado a varios congresos especializados. Es Presidente de la Asociación Internacional Convivio para el Estudio de los Cancioneros desde 2021, de la cual había sido durante trece años Vicepresidente (2008-2021), así como Secretario-Tesorero de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval durante una década (2005-2015). Ha presidido el comité organizador de varios congresos internacionales. Es director

Hibridismo

Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo
nas Literaturas Ibéricas da Idade Média

de la web CIM sobre poesía de cancionero hispánica (www.cancioneros.org) y de la *Revista de Cancioneros Impresos y Manuscritos* (<https://rcim.ua.es/>).

Julio Macián Ferrandis (Universitat d'Alacant)

Sobre el hibridismo del cancionero EM6: peritación paleografía de un código manuscrito con impresos

Siempre resulta estimulante observar las estrechas relaciones e intercambios que existieron entre manuscritos y libros impresos durante los periodos incunables y post-incunables. Precisamente, el cancionero EM6 (según la clasificación de Brian Dutton) de la Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo del Escorial (K-III-7) es un claro ejemplo de un peculiar hibridismo entre ambos formatos. La razón principal es que combina secciones manuscritas con otras impresas: las *Coplas de la vita Christi* de fray Íñigo de Mendoza en su versión manuscrita preimpresa, junto con calendarios impresos de los últimos años del siglo XV y las primeras décadas del siglo XVI, por ejemplo. Contiene además la transcripción completa de una hoja suelta, de la cual la única copia que se conserva está mutilada, lo que nos permite conocer su contenido. Incluso la caligrafía, en lugar de ser una adaptación de la letra manuscrita habitual, como suele ocurrir en los cancioneros, parece seguir modelos tipográficos góticos. Mi propuesta se centra en este último aspecto, por el interés de la datación de tal antología por su estrecha relación con la imprenta y con algunos incunables mutilados o desconocidos más allá de los ejemplares o copias manuscritas de ellos en este cancionero, lo que en última instancia contribuye a entender el hibridismo del conjunto, con especial atención a su contexto de copia y, en cierta manera, al origen de los materiales.

nota biográfica

Julio Macián Ferrandis és Professor Ajudant Doctor en la Universitat d'Alacant, amb docència en el grau d'Història. Es va doctorar en Història per la Universitat de València amb la tesi *Studiosae litterae in picturis attendere. Estudi i edició de les inscripcions de la pintura valenciana (1238-1579)*. Les seues línies de recerca se centren en l'estudi dels epígrafs pictòrics valencians i dels manuscrits i impresos poètics. La seua investigació s'ha presentat en congressos internacionals d'associacions científiques de referència (SECTH, AHLM, SEMYR) i s'ha publicat en editorials (PUV, USAL, Tirant lo Blanch) i revistes científiques de prestigi (*Vegueta, Revista de Filología Románica, Magnificat. Cultura i Literatura Medievals*). Ha fet estades de recerca en la University of London, el Warburg Institute i l'École des Hautes Études en Sciences Sociales; i, així mateix, ha participat en projectes d'investigació amb seu a la Universitat de València (Manuscrits Datados de la Península Ibérica 800-1500) i a la Universitat d'Alacant (Poesía, ecdòtica e imprenta). És investigador del grup de recerca internacional Cancioneros Impresos y Manuscritos i del grup d'investigació CODE. Cultura Oral, Digital y Escrita. També és membre del Consell de Redacció de la *Revista de Cancioneros Impresos y Manuscritos* (JRS, JCR, Fecyt).

Mafalda Frade (Universidade de Aveiro)

“Em hũa viuem os homeẽs sem molheres... E em a outra som as molheres sem homẽs”: *O Livro de Marco Polo* e os novos mundos para além do mundo.

A circulação de pessoas e bens durante a Idade Média permitiu o contacto com realidades exóticas que frequentemente contrariavam a visão teocêntrica europeia e despertavam a curiosidade relativamente a novos mundos, incentivando um espírito de descoberta. Deste período, guardamos escritos deixados por diversos viajantes que assim contribuíram para o alargamento do conhecimento geográfico e antropológico do mundo até então conhecido. Estas narrativas revelam-se fundamentais para a compreensão cultural medieval, constituindo um *corpus* de textos associados à literatura de viagens em que se evidencia a forma como os viajantes percecionavam a alteridade e reagiam a costumes distintos da

Hibridismo

Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo
nas Literaturas Ibéricas da Idade Média

mundividência cristã. Um desses textos, *O Livro de Marco Polo*, foi traduzido para o português nos alvares dos Descobrimentos, época em que a sociedade portuguesa navegava em mares incertos, dado que, lado a lado com crenças medievais ainda presentes, despontavam percepções nascidas do contacto com o Oriente. Esta tradução permitiu lançar luz sobre um mundo desconhecido, mas o tradutor, ao invés de se manter fiel ao texto latino original, preferiu apresentar uma versão adaptada, com o objetivo primeiro de defender o pensamento cristão. Apesar disto, o texto português afasta-se das características da literatura de viagens medieval. De facto, ao longo da obra, as diversas experiências dos viajantes alternam entre a observação da realidade e aspetos transcendentais ou maravilhosos, aludindo a um mundo simbólico onde *mirabilia*, comportamentos insólitos e diferentes formas de vida surgem a cada passo do caminho, desestabilizando crenças tradicionais e desagregando as fronteiras do até então estabelecido. É esse novo mundo, em que está presente uma tensão entre a pureza e a imoralidade, o semelhante e o diferente, a ordem e a desordem – tornando a realidade, aos olhos do viajante, ambígua e, portanto, híbrida –, que pretendemos explorar.

nota biográfica

Mafalda Frade é licenciada em Português, Latim e Grego e doutorada em Literatura. No momento, é Professora Auxiliar Convidada no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. No seu Pós-Doutoramento, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, investigou a tradução de diversas obras em Português Antigo, tendo sido responsável pelo projeto *Entre o latim e o português: estudo de traduções medievais*. Na sua atividade como investigadora, publicou estudos relacionados com traduções medievais de textos latinos e ainda textos de origem portuguesa medieval, como a *Virtuosa Benfeitoria*, o *Livro dos Ofícios* do Infante Dom Pedro, o *Livro de Marco Polo* e o *Cancioneiro Geral*.

Margarida Santos Alpalhão (UAb e Polo IELT, NOVA/FCSH)

Mesa, Palco, Página - um caso de hibridismo textual

Pretende-se, com esta proposta de participação, refletir sobre o entremez e o diálogo.

Não se conhece uma tradição medieval portuguesa de textos cómicos em diálogo; no entanto, a filiação das culturas portuguesa e francesa permitem supor uma relação próxima entre os autos medievais franceses e algumas festas em Portugal, abordando, por este prisma, o primeiro daqueles textos, associado aos banquetes, ou celebrações de comensais.

Por outro lado, é difícil supor aquelas festas régias e nobres sem o uso do diálogo, que poderia ter sido entendido enquanto diversão e manifestação cultural.

Como em outros casos, quando a história não contempla factos comprovados documentalmente, resta-nos recorrer a dados arqueológicos, ou literários, para procurar compreender modos e métodos de vida e, na presente reflexão, tentar-se-á essa aproximação a partir do entremez e do diálogo.

nota biográfica

Margarida Santos Alpalhão é doutora em Línguas e Literaturas Românicas, especialidade de Literaturas Românicas Comparadas, pela Universidade Nova de Lisboa (2009). Professora. Investigadora do grupo Estudos Interdisciplinares sobre o Imaginário do IELT (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição) na FCSH e do Polo IELT da Universidade Aberta.

Fez a edição, tradução e apresentação de Gossouin de Metz, *Imagem do Mundo. 1245* (Lisboa, IEM, 2010), bem como a edição de *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes a partir dos três exemplares quinhentistas da obra. Publicou alguns artigos sobre livros de cavalaria portugueses e uma carta inédita daquele autor, bem como os seus diálogos. Tem-se dedicado ainda ao enciclopédismo, à cartografia medievais e ao ensino da leitura. É membro residente do projeto «Diálogos Portugueses» (IELT, NOVA/FCSH).

Maria Isabel Morán Cabanas (Universidade de Santiago de Compostela)

D. Manuel I e a sua comitiva voltam do Caminho de Santiago: textos e contextos

Na nossa intervenção pretendemos abordar a projeção literária da celebração da chegada de D. Manuel I ao seu palácio real de Santos-o-Velho (Lisboa) após ter realizado a sua peregrinação a Santiago de Compostela. Nesse sentido, refletiremos sobre o carácter híbrido, tanto ao nível temático quanto discursivo, de um vilancete de Pero de Sousa Ribeiro recolhido no *Cancioneiro Geral*, tendo em conta as circunstâncias para as quais este foi criado e a convergência de elementos sacros e profanos que ali ocorrem a partir da dupla súplica inicial à “Alta Rainha Senhora” e ao Apóstolo Santiago.

Analisaremos esses versos e a rubrica que os acompanha à luz dos capítulos em que dois célebres cronistas da Renascença portuguesa, Damião de Góis e Jerónimo Osório, comentam a visita do monarca ao santuário galego nas suas respetivas crónicas. Aliás, deter-nos-emos também em certas imagens artísticas que pretendem transmitir, enfática e estrategicamente em prol da legitimação do poder monárquico e manuelino, a face de um rei triunfante, devoto, Messias e David Lusitanorum.

nota biográfica

Maria Isabel Morán Cabanas é professora titular na área de Filologias Galega e Portuguesa da Universidade de Santiago de Compostela. A sua investigação visa sobretudo os períodos medieval, renascentista e barroco sob uma perspetiva multidisciplinar e comparatista nos âmbitos ibérico e lusófono. Nos últimos anos publicou vários estudos em coautoria e autoria individual acerca da projeção social e literária das peregrinações, a cidade de Santiago de Compostela e o Caminho de Santiago. Nesse sentido, destaca-se que muito recentemente saiu do prelo a obra *Poesia, espetáculo e peregrinação a Santiago de Compostela na Corte portuguesa* (Peter Lang, 2025), com especial atenção a festas e celebrações régias luso-castelhanas de finais do século XV e inícios do seguinte e presentes no *Cancioneiro Geral* e noutros textos coetâneos de diversos géneros, mas marcados amiúde por um forte hibridismo.

Mariana Leite (Universidade do Porto)

Amazonas, profetisas, rainhas: performances ambíguas do feminino na *General Estoria de Afonso X*

A propósito do impacto da tradução na construção da prosa literária castelhana, Lázaro Carreter assinala que, na obra seminal de Afonso X, “Hay una especie de ‘impresionismo’ comunicativo, un claro predominio del cromatismo sobre el dibujo”. De facto, a tradução/adaptação alfonsina é marcada por uma proximidade simulada às fontes, abrindo espaço para que, a coberto de alguma *auctoritas*, se providencie uma perspetiva que pode ser antagónica face às fontes, mas condicente com a mundividência do rei, de certas personagens da historiografia universal.

É nesse sentido que, citando Orósio, Comestor ou Viterbo, por exemplo – e sem deixar de os traduzir e acompanhar –, se consegue reformular cirurgicamente a imagem de personagens femininas, individuais e coletivas, cujo comportamento se desvia das expetativas medievais.

Nesta comunicação, a partir de alguns exemplos de tipos de personagem femininos presentes na crónica universal de Afonso X – mulheres em posição de liderança política, bélica e espiritual –, será feita uma revisão e reflexão sobre como, e porquê, esta flexibilidade no que respeita a integração de fontes, matérias e perspetivas, contribui para alterar o “cromatismo” destas mulheres cujo percurso desafia expetativas sobre o comportamento feminino medieval.

nota biográfica

Mariana Leite doutorou-se em 2013 com uma tese sobre a receção portuguesa da *General Estoria* de Afonso X, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Na mesma instituição, desenvolveu um pós-doutoramento sobre as traduções da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor, concluído em 2023. Lecionou

Hibridismo

*Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo
nas Literaturas Ibéricas da Idade Média*

na ENS de Lyon (2014-16) e na Universidade de Zurique (2020-21) e é, desde 2024, professora auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dedicando-se sobretudo à literatura medieval peninsular. É membro do Instituto de Filosofia (U. Porto), e responsável pela equipa “Medieval Universal Histories Worldwide” do projecto DEGE - The Confluence of Religious Cultures in Medieval Historiography (U. British Columbia). O seu trabalho centra-se sobretudo no estudo da historiografia universal medieval e nas receções e reformulações da Antiguidade na Idade Média.

Marisa Henriques, Universidade de Coimbra

Multi-hibridismo na representação de Maria na sermonária antoniana

Nos sermões de Santo António de Lisboa, a mãe de Jesus é objeto de um cruzamento e contaminação de formas simbólicas (cosmológicas e zoológicas, mas também botânicas e marítimas) com extensão moral e alegórica, tornando-a num caso de multi-hibridismo que urge estudar, desde logo pela possibilidade de, através dela, se gerar uma poética da metamorfose que combina moral e teologia que estrutura toda a *ars praedicandi* antoniana.

Em suma, Maria, enquanto figura de mediação entre o mundo natural e a transcendência, devem um dispositivo hermenêutico e princípio de composição, com vista à formação pedagógica dos futuros pregadores da sua ordem. Pretendemos estudar cinco sermões marianos como expressão enquanto género literário que articula etimologia, hermenêutica e moralidade e, ao mesmo tempo, esbate as fronteiras entre o mundo inorgânico, orgânico e divino.

A escassa bibliografia especializada (Calvo Moralejo, Pérez Simón, Siwinski, Carvalho) nunca abordou Maria sob este prisma e, apesar de os sermões terem sido compostos quando Santo António se encontrava em Itália, Gama Caeiro lembrou que a cultura filosófico-teológica neles vertida havia sido angariada e meditada longamente em Santa Cruz de Coimbra, pelo que acreditamos que a sua revisitação tenha cabimento num Encontro de Literatura Hispânica Medieval.

nota biográfica

Marisa das Neves Henriques doutorou-se em Filosofia e Cultura Portuguesas pela Universidade de Coimbra com uma tese intitulada *A caminho de uma espiritualidade laica: ciência, filosofia e teologia no Orto do Esposo* (2013) orientada pelo Professor Mário Santiago de Carvalho. Licenciou-se em Estudos Portugueses e é mestre em Investigação e Ensino da Literatura Portuguesa pela mesma instituição. Entre os seus interesses científicos contam-se a filosofia e a literatura medieval em Portugal. Em 2024, publicou uma *Antologia para o Estudo da Filosofia em Portugal: da patrística à contrarreforma* (Instituto de Estudos Filosóficos de Coimbra).

Miguel Rodrigues (Instituto de Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

A mudança de identidade como ferramenta política: estudos de caso nas famílias reais ibéricas (sécs. IX-XIII)

Ao longo da história medieval, sobretudo entre os séculos IX e XIII, encontramos membros das linhagens régias sentados nos tronos hispânicos que alteraram o seu nome próprio por razões diversas e, muitas vezes, complexas. O nome não era apenas um mero detalhe; mais do que identificar um indivíduo, era apenas um dos muitos símbolos ligados à legitimidade, continuidade dinástica e afirmação de poderes das famílias reais. O nosso propósito será, portanto, problematizar os fatores que poderão ter levado estes indivíduos a protagonizar tal câmbio de identidade.

Hibridismo

Formas, Discursos e Figuras do Múltiplo nas Literaturas Ibéricas da Idade Média

A mudança de nome podia decorrer de estratégias políticas, como a necessidade de reforçar direitos sucessórios ou de aproximar a figura régia de antepassados prestigiados, refletindo diferentes influências culturais e adaptações nos diferentes espaços da Península Ibérica. Em certos casos, a adoção de um novo nome funcionava como instrumento de construção de uma nova imagem pública.

Através de alguns estudos de caso de infantas, infantes, reis e rainhas que manifestaram, em algum momento das suas vidas, uma aparente fluidez identitária, procuraremos compreender o que poderia estar subjacente a estas transformações. Ao analisar as múltiplas cronologias e contextos sociopolíticos em que tais mudanças ocorreram, pretendemos averiguar a importância do uso dos nomes no contexto das dinastias medievais.

nota biográfica

Miguel Rodrigues é licenciado em Design do Produto na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (2016), concluiu o mestrado em Estudos Medievais na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2018), e o projeto de doutoramento *A construção literária das cinco linhagens fundacionais do espaço português (1270-1350)*, na mesma faculdade (2025). O projeto analisou os discursos e contextos relativos às cinco linhagens destacadas no *Livro Velho* (c.1270), primeiro nobiliário português conhecido. Paralelamente à tese, participou no projeto financiado pela FCT, “Memória Escrita e Leitura do Espaço: Pedro de Barcelos e a Identidade Cultural do Norte de Portugal” (2018-2021), que visou a divulgação da vida e obra de Pedro Afonso, Conde de Barcelos. Atualmente, é membro dos projetos internacionais NOBCONNECT, que visa enaltecer o fenómeno da migração da nobreza ibérica, e DEGE, que visa o estudo da *General Estoria* e do ambiente sociopolítico leonês-castelhano que testemunhou o nascimento da obra.

Pedro Álvarez-Cifuentes (Universidad de Oviedo)

“Diante meus olhos apresentadas em cousas alheias”: formas híbridas na prosa de ficção portuguesa

A presença de motivos bucólicos ou sentimentais nos livros de cavalaria portugueses é relativamente frequente, como demonstram o *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Moraes, ou a *Crónica do Imperador Beliadro*; paralelamente, certas novelas pastoris incorporam episódios de índole cavaleiresca, como acontece, por exemplo, em *Menina e moça*, de Bernardim Ribeiro, na *Lusitânia transformada*, de Fernão Álvares do Oriente, ou até nas *Saudades da terra*, de Gaspar Frutuoso. Neste contexto, as duas narrativas cavaleirescas inseridas em *Olympo de pastores, prosas & versos*, obra inédita de António do Vale de Moraes preservada em manuscrito na Biblioteca Nacional de Portugal, revelam-se particularmente elucidativas das dinâmicas de hibridismo genológico que caracteriza parte da prosa de ficção portuguesa da época. Esta comunicação centrar-se-á na análise do conto de Leopoldo e a infanta Otávia e da história do rei Otris de Melinde e a princesa do Congo, ambas ambientadas numa Idade Média imaginária e lendária, procurando compreender de que modo a articulação entre matéria pastoral e cavaleiresca contribui para a configuração de formas narrativas híbridas.

nota biográfica

Pedro Álvarez-Cifuentes é doutor em Filologia Românica pela Universidade de Oviedo, com uma tese sobre a *Crónica do Imperador Beliadro*, um livro de cavalaria atribuído a D. Leonor Coutinho de Távora, condessa da Vidigueira. É professor no Departamento de Filologia Clássica e Românica da Universidade de Oviedo e pertence ao grupo BIESES – Bibliografía de Escritoras Españolas (UNED), tendo vindo a desenvolver as suas investigações no âmbito da escrita feminina, o bilinguismo hispano-português e a literatura de ficção em língua portuguesa.

Santiago López Martínez-Morás (Universidade de Santiago de Compostela)

El cielo sobre Castilla: elementos sobrenaturales en el *Poema de Fernán González*

El artículo analiza la proyección de los motivos de carácter sobrenatural en el *Poema de Fernán González*, tanto desde el punto de vista de la articulación del discurso relativo a los orígenes de Castilla como desde la perspectiva de la biografía heroica, en unos niveles sin duda muy superiores a los que habría contenido la versión juglaresca perdida. Muy influido por la religiosidad del autor, vinculado con el monasterio de San Pedro de Arlanza, el texto contiene prodigios sobrenaturales de apariencia negativa pero susceptibles de interpretación. Al lado, pero más numerosas, el poema contiene apariciones de santos de gran proyección en Castilla que parecen organizadas de forma escalonada. Frente a las apariciones de otro signo, los mensajes, naturaleza e intenciones de las visiones religiosas no necesitan más lectura que la de su propia presencia, pero poseen una trascendencia extraordinaria, que llega en algunos casos hasta el extremo de constituir motivos fundacionales del territorio. Desde cualquiera de sus perspectivas, estos signos sirven para consolidar la posición del héroe y, al tiempo, para ilustrar el pasado glorioso de Castilla.

nota biográfica

Santiago López Martínez-Morás es profesor titular de Filología Románica en la Universidad de Santiago de Compostela desde 2001. Especialista en épica medieval romance, ha desarrollado también su investigación en torno a los textos literarios medievales vinculados con el Camino de Santiago y a la historiografía francesa y borgoñona del siglo XV, aunque su trabajo abarca igualmente otras áreas. Codirector en el pasado de la revista *Troianalexandrina*, es secretario de la rama española de la Société Rencesvals y miembro de la AHLM, la SEFR, y la Semyr.

Teresa Araújo (NOVA FCSH/ELT)

Polimorfias de “Morir vos queredes padre”

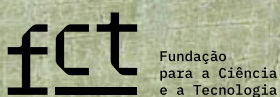
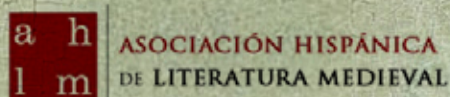
O estudo problematiza a semântica da presença do romance originário da gesta sobre *Las particiones del rey Fernando* nas letras com assinatura portuguesa, bem como na memória tradicional madeirense. Por um lado, incide sobre a multifacetada significação de versos do poema épico-lírico interpolados por Anrique da Mota, António Ribeiro (o Chiado), Francisco Rodrigues Lobo, Francisco Manuel de Melo e Gregório de Matos nas suas obras. Por outro, encara a reconfiguração do tema sob forma contaminada em versões de Silvana recolhidas no arquipélago. Em todo o caso, faz dos dois itinerários uma reflexão sobre a própria criação do texto literário.

nota biográfica

Teresa Araújo é Professora Catedrática da Universidade Nova de Lisboa e dedica a sua atividade à literatura portuguesa (sécs. XVI-XVIII), embora se concentre no romancelheiro antigo. Neste âmbito, descobriu duas edições seiscentistas de *Floresta de varios romances* de Damián López de Tortajada (2019) e ultimamente publicou em coautoria com Nicolás Asensio “La alusión a romances en la literatura española (siglos XV-XVII)” (*Revista de Filología Española*, 104, 1, 2024). Dirigió cinco projetos de investigação financiados além de RELIT-Rom. Revisões literárias: a aplicação criativa de romances antigos (sécs. XV-XVIII), relitrom.pt e participou noutros igualmente financiados, como o que se encontra em desenvolvimento *El Romancero Nuevo: corpus, edición y estudio* (dirigido por Mariano de la Campa, Ministerio de Ciencia e Innovación del Gobierno de España).

ORGANIZAÇÃO:

Subgrupos: Entregéneros: Literatura e Hibridismo e Humanismo, Diáspora e Ciência
Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro



Este congresso internacional é financiado por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito do projeto UID/4180/2025 com o identificador
DOI <https://doi.org/10.54499/UID/04180/2025>.